

II COLÓQUIO HEIDEGGER

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

CADERNO DE RESUMOS

ISSN 2358 - 6222



UEFS

FEIRA DE SANTANA

Outubro - 2017



II Colóquio Heidegger da Universidade Estadual de Feira de Santana

Este evento encontra-se registrado na PROEX Sob o número 12/2017



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Reitor

Evandro Nascimento Silva

Vice- Reitora

Norma Lúcia Fernandes de Almeida

Pró-Reitora de Ensino e Graduação

Amali de Angelis Mussi

Pró-Reitor de Extensão

Márcio Campos Oliveira

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Aristeu Vieira da Silva

Pró-Reitor de Administração e Finanças

Carlos Eduardo Cardoso de Oliveira

Diretor do Departamento Ciências Humanas em Filosofia

Ágabo Borges de Sousa

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó

C679c Colóquio Heidegger (2.: 2017: Feira de Santana, BA)
Caderno de Resumo [do] II Colóquio Heidegger da Universidade
Estadual de Feira de Santana, de 24 a 27 de outubro de 2017 / Feira de
Santana – Brasil: UEFS, NEF, 2017.

31 p.

ISSN: 23586222

1. Filosofia. 3. Psicanálise. 3. Heidegger, Martin – Crítica e
interpretação I. Colóquio Heidegger da Universidade Estadual de Feira de
Santana. III. Título.

CDU: 1

APRESENTAÇÃO

O Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia da UEFS (NEF), com o apoio da Pró-reitoria de Extensão, tem o prazer de anunciar a realização, entre 24 e 27 de outubro, do **II Colóquio Heidegger** da UEFS. Com este evento, daremos continuidade ao bem sucedido processo iniciado com o I Colóquio Heidegger que aconteceu em 2014. Com o evento anterior, pesquisadores sobre o pensador alemão no âmbito da UEFS dialogaram com outros pesquisadores do país, em três dias de evento com conferências, mesas-redondas, minicursos e apresentação de trabalhos de discentes.

Com este **II Colóquio Heidegger da UEFS** manteremos a mesma dinâmica: teremos conferências, mesas-redondas, minicursos e comunicação discente, e continuaremos a investigar, sob diferentes perspectivas, o inesgotável legado deixado por um dos pensadores mais profícuos da história da filosofia. Neste *Caderno de Resumos* segue o elenco de trabalhos aprovados pela comissão científica e que serão apresentados durante os dias do evento.

Ao realizarmos o **II Colóquio Heidegger da UEFS** visamos não permitir que as dificuldades de captação de recursos, vividas neste momento pelas universidades públicas, nos impedissem em insistir em nossa missão de produzir e socializar conhecimento. A pesquisa e a extensão tornam-se sempre e cada vez mais relevantes no momento que somos desafiados a não enrijecermos em pensamento e sensibilidade. Martin Heidegger sempre será um mestre condutor a iluminar esta possibilidade.

Prof^ª Caroline Vasconcelos (UEFS)
Prof. Charliston Pablo Nascimento (UEFS)
Prof. Laurênio Sombra (UEFS)
Prof.^a Tatiane Boechat (UEFS)

COORDENADORES DO COLÓQUIO:

Prof^a Caroline Vasconcelos (UEFS)
Prof. Charliston Pablo Nascimento (UEFS)
Prof. Laurenio Sombra (UEFS)
Prof.^a Tatiane Boechat (UEFS)

Comissão Organizadora (discentes):

Ângelo de Oliveira França (discente da graduação em Filosofia)
Crislane Barreto Santana (discente da graduação em Filosofia)
Fernanda de Jesus Almeida (discente da graduação em Psicologia)
Jilvania de Jesus Barbosa (discente da graduação em Psicologia)
Matheus Rios Silva Santos (discente da graduação em Psicologia)
Michele de Toledo (discente da especialização em Filosofia)
Natan Luiz Neri de Sousa (discente da graduação em Filosofia)
Simone F. Santos (discente da especialização em Filosofia)
Tayara Graça Menezes de Almeida (discente da graduação em Filosofia)

Comissão Científica

Prof. Eder Soares Santos (UEL)
Prof. Flávio Oliveira Silva (UNEB)
Prof.^a Eliana Henriques (UFT)
Prof. José Fábio da Silva Albuquerque (UESB)
Prof. Rainri Back dos Santos (UNB)

Trabalho de edição

Ronaldo dos Santos da Paixão

PROGRAMAÇÃO GERAL

♦ Dia 24.10.17

19:00 – Conferência de Abertura: "Heidegger interpelado pela filosofia da alteridade"

Professor Doutor Luciano Costa Santos (UNEB).

♦ Dia 25.10.17

09:00h – 12:00h

Minicurso 1: “O problema do corpo no pensamento de Martin Heidegger”

Prof. Dra. Caroline Vasconcelos Ribeiro

16:00h – Primeiro ciclo de comunicações

19:00h Mesa Redonda

Prof. Dr. José Fábio Albuquerque (UESB)

Prof. Dr. Flávio Oliveira Silva (UNEB) e

Profa. Dra. Denise Magalhães da Costa (UFRB)

♦ Dia 26.10.17

09:00h – 12:00h

Minicurso 2: A Fenomenologia e as ciências particulares

Prof. Dr. José Fábio Albuquerque (UESB)

16:00h – Segundo ciclo de comunicações

19:00h – Conferência Final: Linguagem e experiência mítica.

Professora Doutora Glória Maria Ferreira Ribeiro (UFSJ)

Mediação comentada: Professora Doutora Eliana Henriques (UFT)

♦ **Dia 27.10.17**

09:00h – 12:00h

Minicurso 3: Morte e linguagem no conto "A hora e a vez de Augusto Matraga"

Dra. Glória Maria Ferreira Ribeiro (UFSJ)

09:00h -12:00h

Minicurso 4: "Arte e (des)-Formação Humana em Heidegger"

Profª. Drª Eliana Henriques (UFT)

PROGRAMAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

HORÁRIO: 16:00h ÀS 18:00h

♦ **Dia:** 25/10/2017. **Mesa 1:** “Heidegger e o Horizonte de Ser e Tempo”

1 - Título: A ontologia do instrumento (*prágmata*) em *ser e tempo*: notas introdutórias. **Sérgio Santos Sena.**

Horário: 16h00min às 16h30min.

2 - Título: Já podemos considerar a destruição da metafísica como uma leitura do fim e do recomeço da Filosofia? **Adrielle Costa Gomes de Jesus.**

Horário: 16h30min às 17h00min.

3 - Título: O discusso (*rede*) e a linguagem (*sprache*) e breves anotações de sua relação com a verdade em *ser e tempo*. **Aletuza Gomes Leite.**

Horário: 17h00min às 17h30min.

Tempo para discussão: 17h30min às 18h00min.

Dia: 25/10/2017. **Mesa 2:** “Heidegger e o Horizonte de Ser e Tempo”.

1 - Título: O ser-no-mundo como fundamento da verdade originária. **Natan Luiz Neri de Sousa;** Tatiane Boechat A. Zunino. (Orientadora).

Horário: 16h00min às 16h30min.

2 - Título: A noção de "*Gestar-se do Dasein*" a partir de *Ser e Tempo*. **Simone Freitas Santos;** Tatiane Boechat (Orientadora).

Horário: 16h30min às 17h00min.

3- Título: Aproximações entre angústia e autenticidade em *Ser e Tempo*. **Lauro Cesar A. Serapião;** Tatiane Boechat (Orientadora).

Horário: 17h00min às 17h30min.

Tempo para discussão: 17h30min às 18h00min.

Dia: 25/10/2017. **Mesa 3:** “Heidegger e o Horizonte de Ser e Tempo”.

1 - Título: A crítica de Heidegger à ideia de mundo. **Crislane Barreto Santana;**
Tatiane Boechat A. Zunino. (Orientadora).

Horário: 16h00min às 16h30min.

2 - Título: Uma aproximação à noção de “decaída” (*verfallen*) em *ser e tempo*.
Naiane Meireles de Almeida Bastos; Tatiane Boechat (Orientadora).

Horário: 16h30min às 17h00min.

Tempo para discussão: 17h00min às 17h30min.

♦ **Dia:** 26/10/2017. **Mesa 4:** “Heidegger em diálogo”.

1 - Título: “Eu vejo o futuro repetir o passado”: A influência da análise do tempo
fenomeno- lógico de Heidegger na temporalidade Narrativa de Paul Ricoeur. **Leonardo
Augusto Nascimento dos Santos;** Laurenio Leite Sombra (Orientador).

Horário: 16h00min às 16h30min.

2 - Título: Heidegger: sua importância no pensamento foucaultiano. **Jorge Alberto
da Costa Rocha.**

Horário: 16h30min às 17h00min.

3 - Título: A ruptura provocada por Descartes: o homem como sujeito em oposição
ao objeto. **Barnabé Loewenstein.**

Horário: 17h00min às 17h30min.

Tempo para discussão: 17h30min às 18h00min.

Dia: 26/10/2017. **Mesa 5:** “Heidegger tardio”.

1 - Título: Poeticamente habitavam os Deuses: uma reflexão histórico-filosófica acerca da contemplação e inspiração na *Teogonia* de Hesíodo. **Andrey Sá Barreto Souza.**

Horário: 16h00min às 16h30min.

2 - Título: Concepção de ciência moderna à luz do ensaio “A época das imagens de mundo” notas introdutórias. **Luciene Braga Ramos Borges.**

Horário: 16h30min às 17h00min.

3 - Título: Sobre a questão da técnica em Heidegger. **Suzane Costa Lopes Braz.**

Horário: 17h00min às 17h30min.

Tempo para discussão: 17h30min às 18h00min.

Dia: 26/10/2017. **Mesa 6:** “Heidegger e a condição humana”

1 - Título: Notas sobre a crítica heideggeriana à objetificação do homem empreendida pela psicanálise de Freud. **Fernanda de Jesus Almeida;** Caroline Vasconcelos Ribeiro (Orientadora).

Horário: 16h00min às 16h30min.

2 - Título: Angústia de castração e angústias impensáveis: um estudo orientado pela filosofia de Martin Heidegger. **Jilvania de Jesus Barbosa;** Caroline Vasconcelos Ribeiro (Orientadora).

Horário: 16h30min às 17h00min.

3 - Título: A essência do homem de acordo com o pensamento de Heidegger. **Tamires de Souza Coelho.**

Horário: 17h00min às 17h30min.

Tempo para discussão: 17h30min às 18h00min.

SUMÁRIO

Adrielle Costa Gomes de Jesus - **Já podemos considerar a destruição da Metafísica como uma leitura do fim e do recomeço da Filosofia?** p. 15

Aletuza Gomes Leite - **O discurso (Rede) e a Linguagem (Sprache) e breves anotações de sua relação com a verdade em ser e tempo.** p. 16

Andrey Sá Barreto Souza - **Poeticamente habitavam os deuses : Uma reflexão histórico-filosófica acerca da contemplação e inspiração na teogonia de Hesíodo.** p. 17

Barnabé Loewenstein - **A ruptura provocada por Descartes: O homem como sujeito em oposição ao objeto** p. 18

Crislane Barreto Santana - **A crítica de Heidegger à ideia de mundo.** p. 19

Fernanda de Jesus Almeida - **Notas sobre a crítica heideggeriana à objetificação do homem empreendida pela psicanálise de Freud.** p. 20

Jilvania de Jesus Barbosa - **Angústia de castração e angústias impensáveis : Um estudo orientado pela Filosofia de Martin Heidegger.** p. 21

Jorge Alberto da Costa Rocha - **Heidegger: Sua importância na pensamento foucaultiano.** p. 22

Lauro César A. Serapião - **Aproximações entre angústia e autenticidade em ser e tempo.** p. 23

Leonardo Augusto Nascimento dos Santos - **“Eu vejo o futuro repetir o passado”: A influencia da análise do tempo fenomenológico de Heidegger na temporalidade narrativa de Paul Ricoeur** p.24

Luciene Braga Ramos Borges - **Concepção de ciência moderna à luz do ensaio A época das imagens de mundo – notas introdutórias.** p. 25

Naiane Meireles de Almeida Bastos -**Uma aproximação à noção de “Decaída” (Verfallen) em ser e tempo.** p. 26

Natan Luiz Neri de Sousa - **O ser-no-mundo como fundamento da verdade originária.** p. 27

Sérgio Santos Sena - **A Ontologia do instrumento (pragmáta) em ser e tempo: Notas introdutórias.** p. 28

Simone Freitas Santos - **A noção de” Gestar-se do Dasein” a partir de ser e tempo.** p. 29

Suzane Costa Lopes Braz - **Sobre a questão da técnica em Heidegger.** p. 30 Tamires de Souza

Coelho -**A essência do homem de acordo com o pensamento de Heidegger.** p. 31



**II Colóquio Heidegger da Universidade
Estadual de Feira de Santana**



II COLÓQUIO HEIDEGGER

Universidade Estadual de Feira de Santana

TRABALHOS



JÁ PODEMOS CONSIDERAR A DESTRUIÇÃO DA METAFÍSICA COMO UMA LEITURA DO FIM E DO RECOMEÇO DA FILOSOFIA?

Adrielle Costa Gomes de Jesus

Doutoranda em Filosofia – UFBA

Prof.^a Dr.^a Acylene Maria Cabral Ferreira – UFBA

(Orientadora)

Desde os seus escritos de juventude, Heidegger se propõe realizar um retorno à história da filosofia. Em *Ser e tempo*, esse retorno é levado a termo como uma proposta de destruição dos conceitos fundamentais da metafísica, a partir da qual seria possível perceber o modo como o conceito de ser foi escamoteado ao longo dessa história, obstruindo a possibilidade de questionar o seu sentido e de oferecer, assim, uma abordagem adequada sobre as questões fundamentais da filosofia. A partir da *Kehre*, entendida como uma virada no seu pensamento realizada após *Ser e tempo*, esse retorno passou a se configurar como uma crítica à metafísica como história do esquecimento do ser e como uma necessidade recomeço. Doravante, esse recomeço passaria a levar em conta o modo como o esquecimento do ser determina a consumação da história. Com base nos desdobramentos das reflexões desse período, Heidegger percebe que a história da metafísica, ao adentrar na era da técnica, começa a caminhar para a realização de seu fim. É chegado o momento em que a filosofia se converte em ciência e técnica. Diante desse acontecimento, Heidegger defende a necessidade de um outro começo na história da filosofia, que pudesse apresentar novas possibilidades para o pensamento, ao refletir sobre o modo como essa história se tece como errância e se consoma como esquecimento do ser. Segundo John Sallis, tal recomeço, proposto por Heidegger, pode ser visto como uma nova tentativa de levar a termo as próprias possibilidades da filosofia, ou seja, do seu fim. E que, a despeito das diferenças do seu pensamento de juventude e de maturidade, já é possível encontrar em *Ser e tempo* tentativas de realizar esse fim, uma vez que a proposta de uma ontologia fundamental não é, senão, uma busca pela realização das possibilidades originárias da filosofia. Com base nessas reflexões sobre o fim da metafísica encontradas a partir da *Kehre*, pretendemos com esse trabalho acompanhar alguns passos conceituais da destruição da metafísica e da analítica do *Dasein* presente em *Ser e Tempo*, para investigar se já é possível considerar a filosofia desse período como uma reflexão sobre o fim e o recomeço da metafísica, enquanto realização e transgressão de suas possibilidades, ainda que essa obra anteceda as reflexões sobre a “era da técnica”.



O DISCURSO (*REDE*) E A LINGUAGEM (*SPRACHE*) E BREVES ANOTAÇÕES DE SUA RELAÇÃO COM A VERDADE EM *SER E TEMPO*

Aletuza Gomes Leite
Professora de Filosofia – IFBA – Campus Feira de Santana

O discurso (*rede*) e a linguagem (*Sprache*) em *Ser e Tempo* se constituem no tema deste texto. Tal trajeto aqui percorrido coloca objetivamente em questão a linguagem a partir da noção de discurso e uma breve relação destes com a verdade em *Ser e Tempo*. O discurso se constitui como último existenciário do *Dasein* por uma indicação do próprio Heidegger, através da sua maneira de expressar a totalidade existenciária do *Dasein*, mas também, a abordagem sobre discurso nos permite chegar ao ponto no qual, não apenas será possível conceder um tratamento direto à questão da linguagem, como também compreendê-la em seu sentido ontológico, conforme *Ser e Tempo* nos possibilita. Apesar da linguagem, formalmente, ocupar espaço em apenas uma das seções desta fundamental obra no percurso do pensamento heideggeriano, desde o princípio, implicitamente, esta já se faz presente nela, a começar pelo problema filosófico fundamental que evoca Heidegger ao seu próprio pensar, qual seja: a pergunta pelo sentido do ser. Assim, a problemática da linguagem se constitui em objeto da ontologia, e é deste lugar, ontologicamente, sob a ótica do acesso ao ser que se faz possível investigar a linguagem como tema no pensamento deste filósofo. Seguiremos o nosso percurso apresentando a enunciação e a verdade conforme concebidas pela tradição no pensamento ocidental, segundo Heidegger; em seguida exporemos acerca do discurso e sua relação com a linguagem e como estas se situam a partir do mundo e do entender; e ainda observaremos a noção de verdade existenciária heideggeriana, e como, em última instância, ela está intrinsecamente ligada à noção de linguagem em *Ser e Tempo*.



POETICAMENTE HABITAVAM OS DEUSES: UMA REFLEXÃO HISTÓRICO-FILOSÓFICA ACERCA DA CONTEMPLAÇÃO E INSPIRAÇÃO NA *TEOGONIA* DE HESÍODO.

Andrey Sá Barreto Souza
Graduando em Licenciatura em História – UEFS
Bolsista PROBIC

A compreensão da *Alétheia* enquanto fenômeno de revelação da verdade e/ou discurso criador de realidades (*kraínein*) está presente na cultura Grega desde o período arcaico (séc. VII, VIII a.C) perpassando a poesia Hesiodica e estabelecendo lugares de discurso dentro dessa sociedade. Tendo em vista a diversidade interpretativa deste fenômeno e o seu caráter múltiplo, este trabalho lança mão da perspectiva de Martin Heidegger acerca do mesmo, a partir de seus escritos numa conferência intitulada '*Ciência e Pensamento do Sentido*' (1953), para refletir a respeito do poeta tal qual se apresenta na *Teogonia* de Hesíodo; seu processo de inspiração e vivência contemplativa, aqui compreendida enquanto *bíos theoretikós*, sua relação mítico- religiosa com a Musa – elemento da revelação e da verdade – por ele contemplada e, por fim, as dinâmicas desse atravessamento que nos é apresentado pelo viés mitológico-ritual.



A RUPTURA PROVOCADA POR DESCARTES: O HOMEM COMO SUJEITO EM OPOSIÇÃO AO OBJETO

Barnabé Loewenstein
Bacharel em Ciências Econômicas
Especialista em Filosofia Contemporânea – UEFS

Pretendemos com esse trabalho, apresentar a mudança provocada pelo pensamento cartesiano que coloca o homem na condição de sujeito, ou seja, inquiridor do ente. Nessa linha, o homem passa a ser o *fundamentum absolutum inconcussum*, ou seja, destacado dos demais entes passa à determinação dos objetos como produto de um pensar metodológico e matematizado. Desse modo, operacionaliza a ruptura com a doutrina religiosa que percebia o homem na criação como elemento central, porém ainda subjugado a Deus. Descartes rompe o que vigorava no campo religioso do medievo e instaura o *ego cogito* como certeza. Assim, os objetos passam a ser opostos aos sujeitos, coisa que não era concebida até então. Pois, as pedras, as plantas e os animais não menos do que o homem se encontravam na mesma esfera diante de um pensar anterior a modernidade. Assim, almejamos indicar que o pensamento cartesiano instaura um modo de perceber a realidade, agora mediante o cálculo seja de equacionar quanto de esperar por algo. E isso, é caracterizado nas ciências que se instauram nos métodos e visam alcançar verdades em um mundo objetificado pela subjetividade humana. Portanto, com essa comunicação pretendemos meditar sobre a análise heideggeriana acerca do pensamento inquiridor instalado nas ciências modernas que apresentam a realidade como verdades incontestes e, assim, propor que o *ego cogito* implantado na atualidade arrasta o homem a um destino sem limites, ou seja, considerar tudo como recurso a ser explorado. E, nessa linha de pensamento, meditar sobre o modelo de agricultura mecanizada onde o solo ou a Terra que produz e abriga sofre ataque violento. Isso coloca em marcha um sentido agressivo e explorador deslocando a possibilidade e relação de pertença e cuidado com o que vigora e desvela ou a uma experiência mais inaugural para a humanidade.



A CRÍTICA DE HEIDEGGER À IDEIA DE MUNDO

Crislane Barreto Santana
Graduanda em Filosofia – UEFS
Prof.^a Dr.^a Tatiane Boechat A. Zunino – UEFS
(Orientadora)

Pensar “mundo” na filosofia heideggeriana é refletir sobre um dos aspectos fundamentais que estruturam seu pensamento. Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (1927) destaca a relação constitutiva entre homem e mundo, homem este que será a partir de agora, compreendido como ente cuja estrutura ontológica é ser-no-mundo, (*In-der- Welt-sein*) a saber, o *Dasein*. A partir desta relação torna-se possível adentrarmos ao momento crucial desta investigação: o mundo. Em um primeiro momento, analisaremos as estruturas do mundo em geral expostas pelo filósofo em *Ser e Tempo*, acentuando sua crítica sobre o modo pelo qual o mundo é visto como instância ôntica, onde as "coisas" se sobrepõem umas as outras, sobretudo, as representações de mundo expressas pela modernidade ao interpretá-lo sob o viés de uma extensão substancial, implicando um "distanciamento" deste "homem". Em seguida, iremos expor a contraposição heideggeriana à questão do mundo na perspectiva da objetualização e da representação, trazendo à luz a noção de *mundanidade do mundo* (*die Weltlichkeit der Welt*) como o fundamento ontológico para pensá-lo como âmbito co-existencial ao *Dasein*. Neste sentido, mundo não designaria, portanto, uma expressão ordinária sobre qualquer ente, mas o modo primordial de ser do ente em sua totalidade, sendo este, a característica essencial do existir do *Dasein*, retratando um fenômeno de unidade entre ambos.



NOTAS SOBRE A CRÍTICA HEIDEGGERIANA À OBJETIFICAÇÃO DO HOMEM EM PREENDIDA PELA PSICANÁLISE DE FREUD

Fernanda de Jesus Almeida
Graduanda em Psicologia – UEFS
Prof.^a Dr.^a Caroline Vasconcelos Ribeiro – UEFS
(Orientadora)

O presente resumo pretende apresentar os resultados parciais da pesquisa de iniciação científica intitulada “A psicanálise de Freud e de Winnicott: uma análise à luz da filosofia heideggeriana”, cujo apoio institucional é do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O objetivo da pesquisa é apresentar a crítica filosófica tecida por Martin Heidegger à psicanálise freudiana, bem como, apontar a psicanálise winnicottiana como uma via para compreender o humano sem pressupostos naturalizantes. Segundo a filosofia heideggeriana algumas ciências que se debruçam sobre a saúde e o adoecer psíquico são construídas sobre pressupostos das ciências da natureza, ou seja, atribuem ao psíquico uma metodologia de investigação e uma linguagem pertinentes ao tratamento de entes naturais. Essas ciências, segundo Heidegger, têm no processo de objetificação do real sua sustentação. Imposto pela metafísica moderna ou metafísica da subjetividade esse processo consiste em reduzir o real a objetos domesticáveis pelo modelo físico- matemático e elege as ciências naturais como o modo principal de acesso aos entes. É nessa categoria de ciência que Heidegger insere a psicanálise de Freud. De acordo com os argumentos heideggerianos, Freud se serve de uma semântica naturalista para versar sobre o psiquismo. Diante do exposto almejamos, com essa comunicação, tematizar as seguintes questões: Qual o fundamento que autoriza Heidegger a encaixar a psicanálise freudiana como ciência natural? Seria o modelo teórico utilizado por Freud o ideal para tratar o existir humano? Depois de explanarmos sobre a recusa heideggeriana em reduzir o ser humano a um objeto explicável à luz de um discurso naturalizante, apresentaremos a psicanálise winnicottiana como uma alternativa ôntica de apreender os fenômenos humanos sem pressupostos oriundos das ciências naturais.



ANGÚSTIA DE CASTRAÇÃO E ANGÚSTIAS IMPENSÁVEIS: UM ESTUDO ORIENTADO DO PELA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER.

Jilvania de Jesus Barbosa
Graduanda em Psicologia – UEFS
Prof.^a Dr.^a Caroline Vasconcelos Ribeiro – UEFS
(Orientadora)

Na obra *Inibições, Sintomas e Angústia* Freud formaliza duas teorias a respeito do conceito de angústia. Inicialmente, o termo é teorizado como um afeto decorrente do mecanismo de recalque, o qual é visto como uma tentativa de fuga. Em um segundo momento, a angústia é considerada um afeto anterior e causador do recalque, por isso, equivalente a um sinal de que o princípio regulador do aparelho psíquico em algum momento falhou. Freud esclarece que a força motriz do recalque é o medo de castração. Já o pediatra e psicanalista inglês D. W. Winnicott descreve a angústia a partir de uma ótica que foca momentos que antecedem à capacidade do bebê ser submetido ao recalque e ao medo da castração. Está baseada na vulnerabilidade e no grau de dependência do bebê humano em relação ao ambiente que lhe provê cuidados. Enquanto Freud relaciona a angústia à ameaça de castração, Winnicott fala de um bebê dependente do ambiente, isto é, coloca a angústia em momentos muito mais precoces, anteriores à capacidade de rivalizar com um genitor e alcançar prazer autoerótico a partir da manipulação da genitália. Depois de explanar sobre estas diferenças almejamos, em nossa comunicação, levantar os seguintes questionamentos: trata-se apenas de uma distinção temporal da fase em que acontece a emergência da angústia? Ou se trata de uma visão acerca do ser humano e de seu desenvolvimento radicalmente diferente? Para esclarecer indagações desta natureza, recorreremos à filosofia de Martin Heidegger. Na obra *Seminários de Zollikon* o filósofo nos orienta a olhar para as ciências dos fenômenos psíquicos a partir de um viés ontológico, ou seja, a partir da pergunta sobre as bases filosóficas que subjazem aos conceitos de ser humano, de saúde e de doença estabelecidos por elas. Heidegger nos chama a atenção para a relação que a linguagem escolhida para descrever o ser humano tem com a maneira como se pretende acessar o ente que se estuda. Utilizando a filosofia heideggeriana como referencial de análise, pretendemos, com esta comunicação, explanar sobre os pactos ontológicos que subjazem à forma como estes dois psicanalistas versam sobre o conceito de angústia. Em outros termos: almejamos expor análises iniciais relacionadas à pesquisa intitulada *O conceito de Angústia em Freud e Winnicott: considerações heideggerianas*, que conta com o fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).



HEIDEGGER: SUA IMPORTÂNCIA NO PENSAMENTO FOUCAULTIANO

Jorge Alberto da Costa Rocha
Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana

É sabido que o pensamento foucaultiano colocou-se de lado com relação à corrente fenomenológica. Na última obra publicada em vida Foucault vai repartir a filosofia francesa em dois blocos distintos, estando ele próprio, a epistemologia francesa e os estruturalistas de um lado – uma reflexão voltada para o conceito e para uma analítica da racionalidade – enquanto que, de outro lado, situando-se em uma perspectiva filosófica voltada para a experiência, o sujeito e o sentido, a fenomenologia. Ora, mas se uma corrente de pensamento deve guardar entre seus arautos certas diferenças, talvez Heidegger apareça para Foucault de uma forma privilegiada. Por exemplo, de uma maneira peculiar Foucault não se alinharia com a frase heideggeriana, segundo a qual “O que dá mais a pensar é que não pensamos ainda”? Pois, se a tarefa da filosofia consiste em voltar-se para uma ontologia do presente, pondo a nu nossas familiaridades, é porque elas, tão próximas de nós, bloqueiam-nos o pensamento. Mas por hora nada ainda está decidido, e a questão que norteará nossa comunicação será, pois, esta: como Foucault, ao longo da sua *démarche*, apropriou-se do pensamento heideggeriano de maneira mais significativa? E, identificando esse momento privilegiado, até que ponto Heidegger é valorizado, apesar de Foucault ter contornado a proposta fenomenológica?



APROXIMAÇÕES ENTRE ANGÚSTIA E AUTENTICIDADE EM *SER E TEMPO*

Lauro César A. Serapião
B^{el.} em Teologia – FATIN
Pós-graduando em Filosofia – UEFS

Através da investigação de questões como, o sentido da existência, o existir com os outros, a função da angústia, a consciência da morte, o processo do cuidado e o encontrar-se consigo mesmo, *Ser e Tempo* conduz a uma profunda reflexão sobre o existir humano e o processo de ser si mesmo, a autenticidade (*Eigentlichkeit*). É seguindo o nexos dessa disposição fundamental e modo de ser que o presente trabalho propõe uma aproximação preliminar a possíveis relações guardadas entre a angústia (*Angst*) e autenticidade na analítica do *Dasein*. Essa disposição fundamental e seu modo de ser serão relacionadas, considerando a angústia como ponto de partida, desvelamento ou pura possibilidade de experimentar a autenticidade como modo de ser final e essencial do *Dasein*. Na ontologia heideggeriana, a disposição fundamental da angústia é delineada pelas questões do nada e da transcendência, enquanto a autenticidade se mostra nas abordagens do poder-ser, próprio, impessoal, decisão e cuidado. Assim, a partir de *Ser e Tempo* vemos que o *Dasein* entende o peso da impessoalidade no seu modo de ser no momento em que percebe que pertence muito pouco a si mesmo no mundo da ocupação. Isso é alcançado quando ele se apodera de si através da constatação de sua finitude, como procuraremos expor. Pois, na medida em que ele é em seu “próprio” é que ele pode perder-se de si mesmo. Para tratar destas questões abordaremos, num primeiro momento, a questão da angústia, seguido da condição ontológica de autenticidade e, por fim, construiremos uma argumentação sobre as relações entre aquela disposição fundamental e este modo de ser.



**“EU VEJO O FUTURO REPETIR O PASSADO”: A INFLUÊNCIA DA ANÁLISE DO
TEMPO FENOMENOLÓGICO DE HEIDEGGER NA TEMPORALIDADE NARRATIVA
DE PAUL RICOEUR**

Leonardo Augusto Nascimento dos Santos
Mestre em Administração – UFBA
Especialista em Filosofia – UEFS

Nesta comunicação, apresenta-se como a análise do tempo fenomenológico heideggeriano é utilizada por Paul Ricoeur na constituição de sua temporalidade narrativa da intriga. Para empreender tal intento, formula-se a seguinte questão: *como é possível a articulação de um conjunto de acontecimentos que produzem minimamente uma unidade de sentido, embora precária, apesar das “discordâncias” da narrativa?* A resposta depende da compreensão narrativa no contexto temporal. Ricoeur se vale da análise empreendida por Heidegger, que apresenta três níveis de gradação temporal, tendo como parâmetro seu caráter de autenticidade: temporalidade, intratemporalidade e historialidade. A temporalidade originária seria o estágio mais autêntico da análise heideggeriana, esse caráter de abertura que garante uma unidade que possibilita as outras instâncias do tempo. A disposição do tempo “vulgar” como passado, presente e futuro tende à linearidade e encerramento de cada instância, denunciando ausência de intercâmbio. Heidegger considera essa concepção como derivada e, apreendendo o tempo em sua condição mais ontológica, altera a nomenclatura dos existenciais do tempo como ter-sido, tornar-presente e por-vir. Devido à circularidade de pensar esses existenciais do tempo, há confluência entre eles, imbricamento que garante inteligibilidade de sentido à temporalidade. Em função da condição existencial da abertura, Heidegger advoga a primazia do por-vir. A circularidade leva o ter-sido a depender do por-vir. Aqui, é fundamental a ideia de herança heideggeriana. Por mais que o por-vir seja abertura de possibilidades, ele não deixa de lidar com essa herança presente no *Dasein*. A articulação entre por-vir e ter-sido se efetiva em “tornar-presente”. Ele sempre se “atualiza”, efetivando possibilidades específicas. Sua vida cotidiana o remete a uma temporalidade menos autêntica. Nesse âmbito cotidiano se pensa a intratemporalidade. Nela, os acontecimentos ocorrem “no tempo”, com o “tempo” pensado como recurso, unidade fechada com a qual se pode contar e perder. Por fim, a historialidade, que pode ser compreendida como um estiramento, o que se compreende entre nascimento e morte. Esse primado do por-vir heideggeriano se coaduna com a importância que Ricoeur confere ao *final* da intriga. A historialidade heideggeriana esclarece questões do relato que a narratividade no plano da intratemporalidade não contempla. Isto ocorre a partir da *repetição*, entendida como processo associado ao ter-sido, mas articulado ao por-vir e ao tornar-presente, constituindo unidade. A repetição também se encontra enraizada na profundidade temporal, permitindo que as possibilidades do *Dasein* passem por uma nova compreensão retrospectiva em diálogo com sua projeção, aberta pelo por-vir. A repetição permite ao passado ser alterado a partir da recontagem do mesmo, decorrente da afinidade entre temporalidade e historialidade, através da configuração narrativa da intriga.



CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA MODERNA À LUZ DO ENSAIO *A ÉPOCA DAS IMAGENS DE MUNDO* – NOTAS INTRODUTÓRIAS

Luciene Braga Ramos Borges
Especialista em Filosofia – UEFS

O trabalho a ser apresentado abordará a concepção de ciência moderna inaugurada no século XVII pelo filósofo René Descartes, a partir do pensamento de Martin Heidegger no ensaio *A época das imagens de mundo* (1938), o qual implica em uma crítica formulada por Heidegger no que concerne ao caráter fundamental da ciência moderna como aquela que trabalha com o ente mediante um “procedimento básico”, de modo rigoroso. Concepção de ciência que forja uma nova forma de ver o mundo. No ensaio em questão, a ciência é entendida por Heidegger como uma das manifestações metafísicas que atuam na modernidade. O que significa afirmar isto? O filósofo da floresta negra afirma, na obra *O que é isto a filosofia?* (1973) que é a partir de Descartes que o ente é definido como objetividade da representação e a verdade definida como certeza desta representação. Isto o faculta a afirmar que o processo básico da época moderna é a conquista do mundo como imagem. Para o filósofo alemão, a palavra “imagem” significa o produto [*Gebild*] do produzir representacional. Nesta perspectiva, o homem é colocado na posição do ente que dá a norma a todos os outros entes e estabelece parâmetros. Pretendemos, diante destas assertivas, apresentar, de modo introdutório, o que seria, para Heidegger, o problema que a nova concepção moderna de ciência traz consigo. Também tentaremos, na medida do possível, trazer para o debate a formulação sobre a ciência moderna, a partir da obra *Seminários de Zollikon* (2009), fruto de uma série de congressos que foram proferidos ao longo de dez anos no qual Heidegger faz uma crítica contundente à ciência moderna como aquela que coloca o homem como determinante da verdade, na qual todo ente pesquisado torna-se objeto. Esta proposta baseia-se na suspeita de que, em relação à ciência moderna, os textos se complementam.



UMA APROXIMAÇÃO À NOÇÃO DE “DECAÍDA” (*VERFALLEN*) EM *SER E TEMPO*

Naiane Meireles de Almeida Bastos
Graduanda em Filosofia – UEFS

Para Heidegger, a “decaída” é uma possibilidade que se legitima regularmente no cotidiano do *Dasein*, onde este se relaciona com o ente intramundano de forma que o mesmo se encontra absorvido na “ocupação”. O estar “decaído” expressa um movimento contínuo que o *Dasein* desempenhará durante sua existência e em meio ao seu cotidiano. “Decair” implica numa fuga de si mesmo, no perder-se, o que implica numa nova “queda” que o leva ao “mundo” e aos “entes”. O “ser-aí” em sua cotidianidade é “impessoal” e isto condiciona o *Dasein* a um mundo comum a todos no domínio do “impessoal”, ou seja, há uma igualdade comum a todos. O presente texto tratará de elucidar algumas considerações acerca da questão da “decaída”, partindo de suas estruturas constituintes: o “falatório”, “curiosidade” e “ambiguidade”. Primeiramente, trataremos da noção de impessoal e sua correlação com o cotidiano do *Dasein*. Em um segundo momento, analisaremos as três estruturas constitutivas da “decaída”. Nesta condição existencial (decaída), tudo que é aberto ao *Dasein* necessita de um fundamento. Contudo, o entendimento atingido não alcança a importância primordial que a experiência com os entes oferece, porque a interpretação destas experiências move-se pela interpretação pública caracterizada pelo “falatório”, pela “curiosidade” e pela “ambiguidade”. Esta interpretação pública do impessoal não acrescenta em nada, caracterizando a “decaída”.



O SER-NO-MUNDO COMO FUNDAMENTO DA VERDADE ORIGINÁRIA

Natan Luiz Neri de Sousa
Graduando em Filosofia – UEFS
Prof.^a Dr.^a Tatiane Boechat A. Zunino – UEFS
(Orientadora)

Para Heidegger o conceito tradicional de verdade não toca a essência da verdade. Em *Ser e Tempo* (1927) a questão da verdade é posta em consonância com o caráter transcendental da investigação presente na obra, em que tem-se o *Dasein* como fio condutor através da analítica existencial. Desse modo, a crítica ao conceito tradicional de verdade elaborada por Heidegger não visa uma substituição do conceito de verdade, mas procura evidenciar que a possibilidade interna da verdade reside em algo mais originário que o enunciado. Todavia, a pergunta pela “verdade originária” se dá no âmbito fenomenológico no qual somente através da pergunta pelo ente que tem o modo de ser da existência (*Dasein*) pode-se chegar à essência da verdade. Esta questão já se encontra como pano de fundo da analítica existencial, no qual Heidegger propõe investigar a relação entre ser e verdade através do ente em que a verdade se dá, pois o *Dasein* na sua relação com o ser está inexoravelmente ligado à verdade, não ao modo de um sujeito, mas do ente que existe enquanto ser-no-mundo. Dito isto, o presente trabalho tem o intuito de abordar a “verdade originária” como o descobrir primeiro dos entes que está radicado no ser-no-mundo enquanto estrutura fundamental do *Dasein*. Evidenciando assim, a verdade como pertencente à existência do *Dasein*.



A ONTOLOGIA DO INSTRUMENTO (PRÁGMATA) EM *SER E TEMPO*:

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Sérgio Santos Sena
Mestrando em Filosofia – UFBA

A obra *Ser e Tempo* pode eventualmente nos conduzir a uma particular interpretação da filosofia de Martin Heidegger. Esta perspectiva é abraçada, por exemplo, por Mark Okrent em seu artigo *Heidegger's Pragmatism Redux*. Para Okrent, o Heidegger dos anos iniciais é um pragmatista. Ele parte da ideia de que qualquer forma de interação do homem com o mundo que prescindia da formulação de um juízo lógico e se sustente em uma conformação eminentemente prática pode ser colocada no interior da corrente filosófica pragmática. Heidegger apresenta na obra aqui citada, e que servirá de fundamento deste breve estudo, a tese de que desde Platão e Aristóteles o ser foi pensado a partir de uma associação com aquilo que permanece imutável no tempo, confundindo-o com o ente, ao afirmar que "o ser é isto ou aquilo", procurando por um conteúdo quididativo, equivalente à solicitação de propriedades que indiquem uma natureza inabalável do que é alvo de um questionamento. Para escapar a esta conceituação Heidegger propõe uma substituição da pergunta "o que é o ser" por outra que indaga "qual o sentido do ser". Para o autor alemão este questionamento somente será possível de ser feito diretamente ao ente que possui o privilégio de ter uma compreensão prévia e não teórica de ser. Tal ente, que Heidegger denominou de *Dasein*, é, a partir de tais premissas, analisado ontologicamente, tendo tal análise como suporte a forma como ele se encontra no mundo em meio às suas ocupações cotidianas com os entes por ele aí encontrados. É justamente a partir deste primeiro encontro com os entes que não possuem seu mesmo modo de ser, denominados em *Ser e tempo* de *intramundanos*, que Okrent embasa sua argumentação que imprime uma face pragmatista da filosofia heideggeriana, na medida em que um dos modos de acesso do *Dasein* a tais entes que o filósofo alemão nos apresenta em suas meditações é baseado em uma lida não teórica e pré-temática. Nossa hipótese é de que o pragmatismo não consegue alcançar a forma de acesso do *Dasein* ao mundo quando os instrumentos nele encontrados revelam sua face ontológica. A partir de tais premissas, neste breve estudo desejamos, sob a luz de *Ser e tempo*, averiguar as formas como Heidegger explicitou as estruturas ontológicas dos entes intramundanos e, sobretudo, se e até que ponto uma adequação de sua filosofia ao pragmatismo, tomado enquanto um engajamento mais direto e prático entre homem e mundo, é possível.



A NOÇÃO DE "GESTAR-SE DO DASEIN" A PARTIR DE *SER E TEMPO*

Simone Freitas Santos
Pós-graduanda em Filosofia Contemporânea – UEFS
Prof.^a Dr.^a Tatiane Boechat A. Zunino – UEFS
(Orientadora)

Este texto visa apresentar a noção de *gestar-se do Dasein* (*Geschehen des Daseins*) tratado por Heidegger na obra *Ser e Tempo* (1927). Para isso, analisaremos como o autor compreende esse termo no que diz respeito às regiões do ente que tem ligação com o *gestar-se* e em como essa referência influencia na determinação de sua essência como existência, além de mostrar a relação do *Dasein* com a história e os entes históricos. Portanto, o entendimento acerca do "Gestar-se do *Dasein*" possibilita entendermos um pouco mais da problemática que o filósofo Martin Heidegger aborda em sua obra.



SOBRE A QUESTÃO DA TÉCNICA EM HEIDEGGER

Suzane Costa Lopes Braz
Especialista em Docência do Ensino Superior – UCAM
Pós-graduanda em Filosofia – UEFS

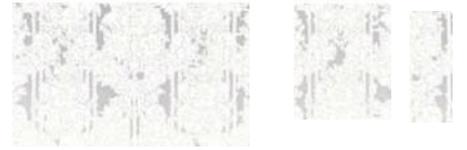
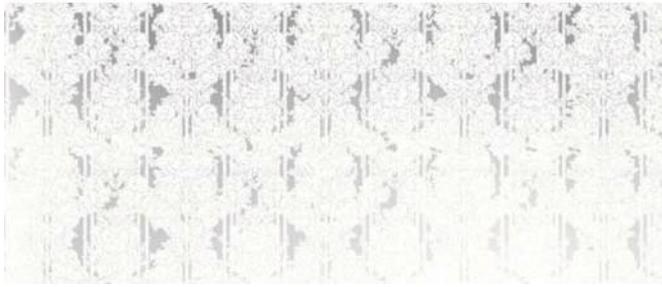
Esta comunicação visa abordar a posição do filósofo alemão Martin Heidegger acerca da questão da técnica, com isso, percorremos, por meio de cuidadoso estudo, possíveis caminhos a respeito das (re) significações que este autor faz com o conceito de técnica e da relação do homem (Dasein) com a mesma. Nesta perspectiva, a problemática desta comunicação gira em torno de duas questões: “Qual o posicionamento de Heidegger sobre a questão da técnica?” e “É possível relacionar este posicionamento (ainda que o autor não o faça) à contemporaneidade?”. Diante disso objetivamos refletir sobre a maneira como Heidegger aborda o tema distinguindo o seu olhar da visão instrumental-antropológica, a qual pensa a técnica com um meio para afazeres do homem. Dessa maneira, esta comunicação está dividida em três etapas. A primeira traz uma breve consideração introdutória sobre a questão da técnica, bem como as inquietações que nos conduziram a escrita deste artigo; a segunda aproxima-se de um questionamento filosófico, embasada na pergunta “Que é isto- a técnica?”; e faz referência, também, à dicotomia “Técnica moderna” e “Essência da técnica”. A técnica moderna relaciona-se notadamente a um modo de desvelamento do real, segundo qual tudo é re- curso: a natureza é vista como depósito de energia, o homem como recurso humano. Ainda nesta etapa visamos indicar que a essência da técnica consiste em um desabrigar o real ancorado no extrair, explorar, transformar, armazenar e distribuir. Será a técnica apenas instrumento de um Dasein marcado pela ganância? A técnica criticada por Heidegger está embasada numa visão instrumental e/ou antropológica da mesma. Em linhas gerais, sua argumentação acerca da técnica possui um norte no distanciamento da ideia desse conceito tradicional da técnica em contrapartida a essência da mesma. A última etapa pretende apresentar as aberturas conclusivas, havendo uma retomada do questionamento inicial, enquanto desvelamento da questão da técnica.



A ESSÊNCIA DO HOMEM DE ACORDO COM O PENSAMENTO DE HEIDEGGER

Tamires de Souza Coelho
Graduanda em Filosofia – UEFS

O objeto deste presente trabalho consiste em explorar o pensamento de Heidegger acerca da essência do homem, a partir do *subiectum*, aquilo que fundamenta e dá sentido peculiar ao homem. Tem-se como objetivo: compreender o homem enquanto *Dasein* – ente, que tem o privilégio de compreender ser. Vamos ex- planar sobre a visão de homem como ser doador de sentidos e que compreende ser e a si mesmo. Para Heidegger, todos os entes são, mas não existem, pois existir, nessa perspectiva, equivale à doação de sentidos que é prerrogativa exclusiva do homem. O *Dasein* é concebido como um ser-aí, lançado, aberto para as possibilidades e escolhas. Para Heidegger, a essência do *Dasein* é a existência, existir é dar sentidos para as coisas, é estar em horizontes de sentidos. A pretensão desta comunicação consiste em explorar a seguinte problemática: se, Heidegger critica o pensamento da tradição filosófica, dos gregos antigos, que pensavam o homem como animal racional e nisto estava a essência do homem, como entender a concepção heideggeriana sobre a essência do homem? Veremos então, que o filósofo traz esclarecimentos sistematizados, apresentando a problemática da quiddidade, que universaliza conceitualmente o ser, no entanto, não concebe-o em sua essência, além de outros acontecimentos que provocaram o esquecimento do ser, que a metafísica causou, trazendo à discussão a questão do ser e a essência do homem, através da fenomenologia. O alvo primordial para entendermos a essência do homem é através do ente que compreende ser - *Dasein*, sendo assim, esse será o caminho percorrido para alcance da proposta, pois, a essência do homem somente pode ser encontrada se admitirmos sua relação recíproca e indissociável do ser com o ente.



REALIZAÇÃO E APOIO:



NEF

